

Porque são eles inimigos

O *Século* das "forças vivas" todo se espanta porque os homens da finança, do comércio e das indústrias sejam considerados os nossos inimigos. Espanta-se porque entende que eles não são exploradores. E pergunta: inimigos, porquê?

A resposta é fácil e está contida precisamente na contestação da calorosa defesa que esse jornal fez da não nocividade dessa cándida classe patronal, cujo desejo seria viver com os operários como «Deus com os anjos». Não há, segundo *O Século*, nenhuma incompatibilidade entre o capital e o trabalho. Não há, de facto, porque o capital é um produto do trabalho. A incompatibilidade é entre os capitalistas e os trabalhadores. E ha-de perpetuar-se até que o capital seja socializado, sem querer dizer estatizado substituindo-se a um capitalismo individual um capitalismo de Estado.

Até lá ha-de haver a luta das classes, quer *O Século* queira, quer não. Essa luta é feita por parte dos operários com toda a razão, é a natural resistência contra a exploração de que são vítimas; por parte dos patrões representa uma injustiça, pois, todo o capital que detém é trabalho não remunerado. Quer-nos fazer supor *O Século* que essa gente trabalha tanto como o operário. Admitamos que cada um dos patrões trabalhe tanto como um operário. Mas qual a razão porque ele enriquece e o operário morre de fome?

Evitando esta natural observação *O Século* declara que isso de riqueza é uma leria e promete demonstrar que toda essa burguesia exploradora está muito pobrezinha. E' verdade. Mas foi ela que comprou *O Século* e o *Diário de Notícias*, e ela que todos os dias gasta à larga e só não tem dinheiro quando os operários lhe reclamam aumento de salário.

Porque são eles inimigos? Então esses diabos dão-nos durante todo o ano um pão mal fabricado, roubado no peso e excessivamente caro, enquanto eles arrecadam só de gerência 400 contos e são nossos amigos? Então eles conservam veladíssimos os preços dos géneros de primeira necessidade, quando a libra desceu tanto, e são nossos amigos? Então eles preparam-se para assaltar o poder, para deter dizem eles a onda do extremismo, o que equivale a dizer a vitória das nossas reclamações, e são nossos amigos?

Não. Como inimigos se apresentam e se apresentaram sempre. O próprio *Século* com as suas insinuações, as suas intrigas sobre o que se passa na C. G. T. não é certamente como amigo que o faz. Ainda no seu último número, com aquela ferocidade sobre os *meneurs* do operário, outro propósito não teve que não seja o de criar no operário um espírito de desconfiança pelos dirigentes, a-pesar-de esse mesmo operário ainda há poucos dias ter demonstrado cabalmente a sua identificação com a sua União dos Sindicatos e com os elementos que tão claramente se afirmaram contra os exploradores, que *O Século* defende.

E' por isso que todos eles são nossos inimigos.

NO MEXICO

Uma pergunta indiscreta dum jornalista ao presidente Calles

Recentemente, numa entrevista, um jornalista impudente desfechou à queima-roupa ao novo presidente do México, Plutarco Calles, a seguinte pergunta:

—E' você bolchevista, como se assegura?

Segundo esse mesmo correspondente, o general Calles replicou com o seu mais amável sorriso:

—A palavra bolchevista está-se aplicando com um sentido diverso do que tem a realidade. A minha profissão de fé é a seguinte: Sou amigo do operário; desejo o seu bem-estar; queria ver todos os mexicanos em bom estado moral e físico, e são meus propósitos fazer com que os nossos operários ganhem um salário suficiente para viverem comodamente com sua mulher e seus filhos mexicanos.

—Numa palavra: desejo que as futuras gerações sigam rumo distinto do que seguiram os nossos antepassados, obrigados pela força das circunstâncias.

—Desejo também que cada mexicano pense, como melhor lhe agrade, em matéria de religião, ainda que tampouco permitirei manifestações exteriores ou alardes religiosos, pelo menos em público.

Por estas palavras concluiu-se que Plutarco Calles não é mais do que um general revolucionário, que deseja conservar o poder, que lhe conferiram os bolchevistas da Confederação Regional Operária Mexicana, não sendo nem bolchevista, nem socialista, nem conservador.

Os intelectuais ante o momento social

"A Batalha" entrevista o ilustre escritor Aquilino Ribeiro

Conforme temos vindo a prever, a queda do governo anterior, a subida do actual, a constituição de qualquer outro gabinete futuro, em nada alterou a situação social do nosso país, situação que tende a agravar-se pela impudência das classes conservadoras.

Nos últimos dias voltou, mesmo, a falar-se num movimento militar das direitas. Haverá alguém que suponha que esse movimento resolverá a situação? Puro engano! Ainda mais a agravar.

Admitindo, mesmo, que esse golpe militar possa surgir, mercê da intriga das forças económicas, e admitindo, até, que ele, nos primeiros dias, possa ficar vencedor, tudo continuaria na mesma, com certeza pior. Depois, a reacção seria inevitável e tremenda. Como sempre, tremenda. E' bom fixar isto os que se iludem com a duração dos governos de força, e que se esquecem das suas trágicas consequências.

E porque a situação não mudou, importa continuar recebendo as impressões dos homens que, pelo seu valor intelectual, podem, com as suas palavras, ter justo peso na opinião pública.

Cabe-nos hoje a honra de registar as opiniões de Aquilino Ribeiro, fora de dúvida um dos primeiros valores mentais das letras portuguesas, escritor de merecida nomeada, prosador de vigorosas páginas onde freme uma beleza humana, forte, eterna, e que, sucessivamente, tem marcado o seu progressivo e merecido triunfo, desde *O Jardim das Tormentas* à *Estrada de Santiago*.

E' em suma alguém que nos fala—alguém de superior craveira intelectual e com tradições as mais desmpeiradamente liberais.

A guerra não diminuiu o egoísmo dos opressores, nem favoreceu a situação dos oprimidos...

—«O momento social do nosso país, com as suas lutas económicas e políticas, é mais ou menos o momento social que passa em todo o mundo—começa Aquilino Ribeiro.

«Por toda a parte se esboça a mesma luta entre os trabalhadores e a sociedade capitalista, luta caracterizada pela ganância e intrinsecidade desta e pela defesa, justamente enraivecida daqueles, e tudo concorrendo para a diminuição da produção, que é dos piores males».

E, depois de acertadas considerações ao redor deste tema da falta de produção e desorganização do trabalho, prossegue:

—«Sejam quais forem os governos, os regimes, ou os homens que governem, nenhuma sociedade poderá viver tranqüila sem o trabalho devidamente organizado, sem uma produção que baste às suas necessidades. E' um ponto que convém fixar para que todos procurem escutar a sua consciência».

«Paralelamente a esse desequilíbrio que a guerra criou, nota-se o furioso egoísmo, a loucura do lucro, a paixão desenfreada pela riqueza, que cega algumas classes chamadas conservadoras que imaginaram enriquecer em meio dúzia de anos, ofendendo e chocando com o seu luxo e ostensiva opulência a miséria dos trabalhadores. Tudo isto, que é um pouco de toda a parte, tem um carácter agudo em Portugal, onde a administração republicana, insensivelmente se desviou dos bons princípios, comprometendo o regime pelo concubinato, dalguns incompetentes e que têm tirado de si, para afastar e pôr de largo as «élites» intelectuais, ao mesmo tempo que tiravam à república a sua aura popular».

«Enfim, a guerra que custou inúmeros sacrifícios, não diminuiu o egoísmo dos opressores, nem favoreceu a miserável situação dos oprimidos».

Um natural instinto de defesa aconselha a sólida união dos trabalhadores

—Como encara, especialmente, os acontecimentos político-sociais que se estão desenrolando em Portugal?—preguntámos.

—Como lógica e fundamentada reacção das classes trabalhadoras ao movimento iniciado pelas forças chamadas conservadoras. Mas neste ponto, ainda não posso abstrair do que se passa lá fora, onde a tendência é para a esquerda, quo diz no sentido evolutivo mais favorável ao povo».

«Na Alemanha, na Rússia, na França, na própria Itália, até na Inglaterra, é manifesto que os radicais ganham terreno. Acerca da Itália há quem suponha que a actual situação será de consequências favoráveis aos conservadores. Eu entendo o contrário, e no fundo desse movimento distingo uma renovação social de que só recolherão resultados, oportunamente, os trabalhadores e avançados. Na Inglaterra, embora com a queda do governo trabalhista, a verdade é que nunca os radicais disfrutaram maior situação e influência».

—Entende, então, que o caminho é para a esquerda?

—Registo apenas factos, e bem aliado da política que, em Portugal, não corre de molde a interessar os homens de letras...

—Como analisa a maneira aguerrida com que se organizaram as forças económicas?

—Surprende-me. Não são eles os que estão piores em Portugal. Há quem sofra consideravelmente mais, e sem uma palavra de revolta. Deviam ser os primeiros a não fornecer pretexto para rebeldias.

—Já reparou que os estropçados da guerra, por exemplo, não se revoltaram? Assim como não se revoltou o povo que não sabe que fazer para aguentar a alta dos preços?

—Já reparei, já... E' isso mesmo, aqueles, as principais vítimas, não se revoltaram e é o alto comércio quem rompe os protestos contra o Estado! muito estranhável...

No parlamento... democrático

Foram apresentadas moções de desconfiança ao governo transacto e sancionada a existência do ministério Vitorino Guimarães

Os nacionalistas, para efeitos de oposição, não têm feito falta ao parlamento. Os democráticos, em torno dum ministério saído do seu partido, têm feito oposição que dá para dois ou três partidos nacionalistas. A luta entre as duas facções democráticas, assume proporções de ódio e troca violenta de injúrias e de recriminações.

Pela maneira como se tem desenrolado o debate político parece não existir um governo Vitorino Guimarães, pois duas sessões se têm passado discutindo o governo do sr. José Domingues dos Santos. Foram apresentadas duas moções de desconfiança ao governo José Domingues dos Santos como se porventura este governo ainda existisse. O parlamento está assim transformado numa assembleia geral do partido democrático.

Naquelas discussões fervilhavam, em igual número, as asneiras e as tolices. Ainda se discute a questão da força pública—se esta deve ou não disparar sobre o povo—e a afirmação, do sr. Domingues dos Santos, de ser pelos «explorados contra os exploradores». Agora todos os deputados são também pelos explorados contra os exploradores, fingindo-se muito ofendidos por o não suporem assim, e porque alguém tenha na câmara proferido aquelas afirmações.

O sr. Manuel Fragoso que, em tempos, como aqui dissemos, defendeu o fabrico de bombas e contribuiu moralmente e monetariamente para que ele se fizesse, disse que o povo não deve ser confundido com a canalha, com a canalha que enleou a revolução francesa, com a canalha que traiu miseravelmente a república, com a canalha que fez dizer a madame Roland—senhora que não era da família do sr. Fragoso—que a liberdade etc., etc...

O sr. Fragoso quiz responsabilizar os que tomaram parte na manifestação a Belem com os que derrubaram a Gironda e guilhotinaram os girondinos, com os guilhotinadores de Danton? Há, então, em Lisboa, 50.000 descendentes de Robespierre? O sr. Fragoso, que é muito versado nestes assuntos, sustenta que sim.

Aquele deputado diz que o povo—é diz desdenhosamente a canalha—trafiu miseravelmente a república. Ora a «cancha» escalou Monsanto e o sr. Fragoso não estava lá, talvez para meditar os insultos que mais tarde havia de endereçar aos que «salvaram a república, única maneira dos cretinos darem-se ares e proferirem insultos com impunidade».

No meio desta berraria toda, o governo que nem sequer chegou a ser discutido, teve a sua existência sancionada por unanimidade, exceptuando dois votos dos monarchistas e um do sr. Camacho que é agora o único membro do partido camachista. E' provável, porém, que o governo venha a ser depois do Carnaval vivamente atacado e derrubado.

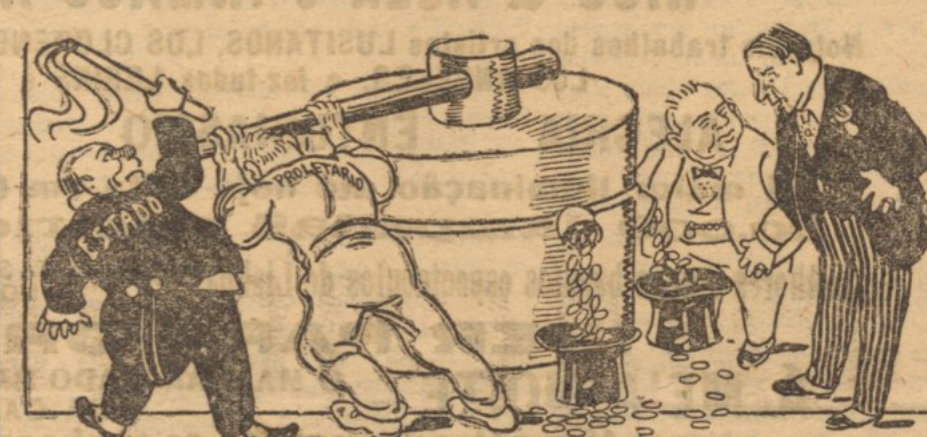
Conclusão: o parlamento não muda, a política continua sendo a mesma vergonha e o mesmo crime, e os políticos, ora o que é que queriam que os políticos fossem...

UMA ATITUDE

A redacção de *A Batalha*, interpretando a moção antontem aprovada no Conselho Confederal da Confederação Geral do Trabalho como um propósito conciliatório de não se reincidir no contrassenso de nas próprias colunas de *A Batalha* se censurar a quem a redige e orienta, resolvem reassumir as suas funções, que julga ter sempre desempenhado com a possível correcção.

Os redactores aproveitam o ensejo para agradecer a solidariedade moral que espontaneamente lhes prestaram vários camaradas e alguns Sindicatos, entre os quais o dos Profissionais de Imprensa.

Como eles são nossos amigos...



1.ª «força viva»: —Se ele desse mais umas voltasinhas por lá, era muito melhor para nós.
2.ª «força viva»: —Lá isso era. E bastaria para isso que ali estivesse em vez de oito horas só, mais umas duas ou três horas por dia.

ram e é o alto comércio quem rompe os protestos contra o Estado! muito estranhável...

—Uma solução prática?

—A reorganização do trabalho para se intensificar a produção e a formação dum forte núcleo onde se agrupem todos os trabalhadores, todos os espoliados, para defenderem os seus direitos económicos e as suas liberdades.

—Vê bem a aproximação dos trabalhadores intelectuais com os manuais?

—Com a maior simpatia. Uns e outros, entendidos sinceramente, sem injustiça-

O CARNAVAL

O Carnaval é a quadra do ano em que se tira a máscara em vez de a afivelar? Nem ao de leve mexemos nessa crítica fácil e superficial, feita e refeita, dita e redita de todas as maneiras, das mais hábeis às mais estúpidas. Desse lugar comum—que já o há muitos anos—fugimos como o chamado diabo foge da chamada cruz. Hoje, dizer isso, equivale a não dizer nada. Adiante, pois. O Carnaval é um moribundo que é necessário matar. Tem vindo, rolando, de ano para ano, numa decadência irresistível. Morre e a sua morte será pelo ridículo, essa arma poderosa que nunca poupa quem visa, seja um indivíduo, seja uma sociedade, seja uma civilização.

O Entrudo é uma tradição condenada a desaparecer porque os costumes de hoje pouco ou nada têm que ver com os do tempo em que ele era geralmente seguido e aceite. Hoje já não é uma tradição, é a decadência dum tradição. Tudo o que tenha o selo do Carnaval é abjecto. Basta para isso que se encare o Carnaval não como ele é, mas como ele foi, isto é, quando ele ainda estava em seu esplendor.

A liberdade de crítica, antigamente, não existia. Vivia-se num respeito inalterável por tudo quanto estava assente, convencionalmente, que era respeitável e sagrado. E, como a humanidade nunca pôde estar completamente envolvida dentro dum colete de forças, concediam-lhe, os grandes e poderosos de outrora, a quadra carnavalesca, para que ela pudesse respirar um pouco, zombar um pouco. Hoje, dentro da liberdade de pensamento conquistada, conscientemente, por meio de lutas arduas e sangrentas, a crítica para exercer-se não precisa de recorrer às hipocrisias «liberdades» carnavalescas. E até é ridículo e inferior que isso se faça.

E' bom auxiliar a queda definitiva do Carnaval, abstendo-se quem dele discorda, de todos os folguedos e de todas as exhibições dele oriundas. Nesta abjecção ninguém deve condescender nem transigir.

Há ainda um aspecto bastante triste do Entrudo: é a mendicância disfarçada que nele se faz. Criaturas há que se sentiram humilhadas em pedir, em esmolar, dinheiro do seu semelhante, na quadra normal do ano. Pois não será igualmente humilhante pedir e esmolar porque é Carnaval? A esmola, sem disfarce, é uma humilhação e um vexame. Não será humilhante e vexatório porque é pedida dissimuladamente, com falsos ares de jovialidade?

Muito dinheiro se gasta numa estupidez em que todos se aborrecem: os que se divertem e os que não se divertem. Dinheiro inútil, dinheiro que é um crime quando, em todo o país, tantas pessoas morrem de fome, cheias de sofrimento e de privações. Dinheiro que é um crime porque é absurdo haver homens que gastam a fingir que se divertem aquilo que outros precisavam para não morrerem de fome.

As relações entre Amsterdão e Moscú

A proposta feita pela delegação inglesa dum conferência com o Conselho da União Sindical pan-russa foi repelida por 13 votos contra 6 pela Federação Internacional Sindical.

Foi aprovada por 14 votos contra 5 uma moção informando a União Sindical pan-russa que a Federação Internacional Sindical a admitiria no seu seio, se ela exprimissem esse desejo.

Todavia, é provável que esta proposta não seja aceite, porque Losowski só estará disposto a consentir no desaparelhamento da Internacional Sindical Vermelha no caso em que seja considerada a criação dum nova Internacional Operária, cuja estrutura e constituição sejam diferentes, embora aparentemente, das da Internacional de Amsterdão.

Em todo o caso, achando-se possível que o conselho da União Sindical pan-russa aceite os termos da referida moção, foram nomeados para iniciarem trabalhos alguns indivíduos pela Federação Internacional Sindical.

Entre eles citam-se: Purcell e Bramley (Inglaterra), Jouhaux (França), Leipart e Grassmann (Alemanha), Mertens (Bélgica), Zulawsky (Polónia).

O SUPLEMENTO DE "A BATALHA" VENDE-SE EM TODAS AS TABACARIAS

O VOTO PARA O SEXO FEMININO

O Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas reivindica este direito

Temos aqui defendido com todo o carinho as reivindicações da mulher. Seguímos com interesse o chamado movimento feminista e achamo-lo simpático e apoiamo-lo sempre que revista um aspecto humano porque não cuidamos apenas da emancipação dum sexo, mas da libertação de toda a humanidade escravizada.

Reconhecemos, porém, que da humanidade escravizada, uma parte há que é mais escravizada do que a outra. A mulher, já alguém o disse, é escrava dum escravo—o homem. E não pense este em emancipar-se enquanto a mulher não se libertar. Por isso tudo quanto represente uma regalia para o sexo feminino, tudo quanto dê à mulher direitos que o homem já possui, nos regosija.

O Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas reclamou o direito de voto. Ora, nós discordamos do voto, nós não o exercemos. Mas se nos tentassem retirar esse direito, embora não o exerçamos, protestaríamos. Assim, não podemos admitir que à mulher não seja permitido votar, não porque desejemos que ela vote, mas porque entendemos que não lhe dar esse direito é infringir-lhe um vexame, é colocá-la num pé de desigualdade perante o homem. Votar é, quanto a nós, praticar uma asneira; mas se o homem tem a liberdade de fazer essa asneira, também a mulher a deve ter.

Apoiámos o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas na sua reivindicação para lhe dizer depois de obtido esse direito que não o devem exercer. A acção do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas deve ser exercida de preferência junto da mulher do povo, a que mais sofre, a que suporta o peso mais esmagador da tirania que a sociedade exerce sobre a mulher.

E' entre a costureira, a operária que as ideias feministas melhor aceites devem ser. Se as propagandistas se aproximarem do povo, preocupando-se com questões económicas e sociais que interessassem fundamentalmente à mulher proletária, decerto que as reivindicações feministas encontrariam uma forte legião que as apoiasse.

Os problemas profissionais devem ocupar a atenção do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas; os problemas da maternidade, da educação das raparigas pobres, da assistência, etc., dariam ao chamado movimento feminista português um incremento que até hoje não tem tido e uma eficácia que por enquanto não passa dumas aspirações sinceras das senhoras dirigentes desse movimento.

Devia procurar esse Conselho ter uma adepta em cada lar, uma propagandista em cada mulher. Esse ambiente permitiria a eclosão de pequenas revoluções nos nossos costumes que serão o prelúdio da grande Revolução que pretendemos realizar—a grande Revolução que emancipe todo o género humano.

NA FRANÇA

Um discurso de Marcel Cachin, "leader" comunista, na câmara francesa

Em resposta aos ataques feitos pelos políticos socialistas-reformistas Spinasse e Renauld à Rússia bolchevista, Marcel Cachin pronunciou na câmara francesa um veemente discurso, no qual, entre diversas coisas, disse o seguinte acerca da situação da classe operária na república leninista:

«No corrente ano de 1924, os salários aumentaram na Rússia na proporção de 100 por 100. Na hora actual, os serventes mais mal pagos recebem 50 rublos-ouro, que dize 500 francos por mês, ou 6.000 francos por ano».

Os operários qualificados, nas diferentes corporações, ganham de 80 a 110 rublos por mês. Os engenheiros ganham de 150 a 300 rublos. Os engenheiros comunistas 150 rublos. Os engenheiros não comunistas ganham 300 rublos, porque os comunistas estão sujeitos a mandatos especiais e permanentes.

Na Alemanha há salários de 400 francos por mês, salários de 72 marcos, e a vida extremamente cara.

Na França, temos ainda, por centenas, milhares de homens, que não ganham 20 francos por dia».

Apesar destes factos apontados, Marcel Cachin afirmou perentoriamente no parlamento que a revolução está vitoriosa na Rússia, donde se conclue, que, quando as massas trabalhadoras daquele país em revolta aberta contra todas as forças opressoras gritavam: «A terra para os camponeses», e «A fábrica para os operários», aspiravam simplesmente a que lhe pagassem um ordenado mais elevado do que o do operário alemão ou francês, ainda que inferior ao dos engenheiros comunistas e não comunistas!

A "Epoca" submeteu-se para se salvar do inferno

O sr. Fernando de Sousa—«Nemo»—devotado defensor da religião católica, sofreu a excomunhão da igreja por não fazer na «Epoca» uma propaganda exclusivamente católica, misturando a apologia da igreja e a da monarquia, ligando a sorte de ambas a sorte ou azares da política...

Entre o catolicismo ou a monarquia, tinham que optar a «Epoca» e o seu director. Optaram pelo catolicismo para se salvarem do inferno, sem que contido deixem, dissimulando o mais possível, de fazer o jogo político dos monarchistas.

O mais interessante desta questão é a ingratitude da igreja para com os seus filhos mais dilectos. Quando ela é assim para os filhos...

LER E ASSINAR

Os Mistérios do Povo

na evolução da justiça social»

AINDA A JORNADA DE 13 DE FEVEREIRO

Os trabalhadores poderão, pela força que revelam realizar um futuro melhor

Longe do reboliço estonteante da cidade, mergulhado na solidão profunda que caracteriza as regiões sertanejas de Portugal, forçados a confundir o cachoar revoltado do nosso idealismo com o mutismo sombrio que nos cerca, nós não deixamos, contudo, de sentir a revolta hianti, o ansear agitado da alma do povo, daquele povo que, levantando ao alto o pendão da liberdade, atea com o facho da razão o rastilho das grandes convulsões sociais que ha-de abrir caminho à marcha do pensamento.

A jornada imponente de 13 fevereiro, cujos ecos chegaram até nós através da imprensa, impressionou agradavelmente o nosso espírito de idealista revolucionário.

E' que nós lemos no fundo da alma agitada daquela mole imensa de dezenas de milhares de pessoas, não só o desejo de fazer encolher as garras aos plutocratas que nos têm dominado, aos políticos vendidos ao capital, ao conluio político-burguês, que brutalmente pretende esmagar as escassas liberdades de que gosamos.

No fundo da alma agitada daquele povo, que é o povo de 820, de 91, de 910, do Monsanto, etc., nós lemos o alto grau da progressividade do seu espírito revolucionário.

Na alma daquele povo sente-se a ansia da perfeição e da liberdade.

O povo de 13 de fevereiro foi o mesmo que derrubou, lá longe, a monarquia absoluta, mas que não adormeceu à sombra dos louros dessa vitória.

Continuou lutando pelo aperfeiçoamento das instituições, e consequentemente pela conquista de mais amplas liberdades.

Esse mesmo povo, faz despertar os primeiros arrebois da república no 91, e atea o incêndio de outubro de 910, que queimou para sempre o trono dinástico dos Bragancas.

Foi ainda esse mesmo povo que, numa hora de repressão violenta, escalou Monsanto e consolidou a república. E agora, que viu a garra das oligarquias plutocratas a tentarem incenear as liberdades, que tanto sangue e tanta vida custaram, que apercebeu que a mancha burguesa-política queria tudo pisar com a patá esmagadoramente brutal da ditadura, que outra coisa não seria um governo de comerciantes e banqueiros, esse povo veio para a rua, veio provar que não estava adormecido, veio dizer mesmo que, se a realização dum ideal social mais alevantado que o republicano o preocupa, ele não deixará, no entanto, baquear a república, porque isso seria caminhar às avessas, pois o caminho é para a frente.

Segurar o presente para evitar uma desastrosa regressão, mas de olhos fitos no futuro.

Foi isto que nós julgamos aperceber, através da jornada imponente e grandiosa de 13 de fevereiro.

Nós desejaríamos mesmo ver essa mesma homogeneidade de forças na luta que nós há de impelir para o futuro.

A burguesia, e a U. I. E., a que nós ouvimos chamar alguns «União dos Indivíduos sem Escrúpulos», ha-de sentir-se bem feridos nas suas vaidosas pretensões, ha-de sentir-se mesmo repes de terem provocado um estreitamento e avigoramento de forças.

O que é necessário também, é que o povo trabalhador e explorado de todas as terras da região portuguesa secunde o gesto do povo de Lisboa.

Numa coisa porém devem atentar todos aqueles a quem queima o desejo ardente de realizarem um futuro mais humano nos princípios por que se reja, mais conforme com a razão moral e social.

Uma ligação bem profunda podem ter tirado todos da manifestação de 13 de Fevereiro, e é que, tal como hoje, os trabalhadores explorados, unidos, tem força para evitar uma desastrosa regressão no campo das liberdades, eles poderiam usar essa mesma força, filha dum estreita união de todas as ideias avançadas, para impelirem para a frente a jornada do progresso.

CARVALHÃO DUARTE

"Não há Deus nem Alma"

O Universo sem enigmas

Com a oferta de dois exemplares do livro com o título acima, recebemos do seu autor a seguinte carta:

Amigo redactor.—Venho trazer ao inteligente porta-voz de todo o trabalhador manual e mental, a obra cujo título e sub-título encimam esta carta.

Há pouco tempo, em um jantar de família, onde se encontrava, por espantosa excepção, a minha natural bisneta, umas trinta senhoras, formando uma razoável atmosfera religiosa, assistiram a um excepcional repito.

E' que bastante tempo era conhecido na casa o meu espírito libertário, igualitário, sedento de Progresso e de Amor Social.

E' que bastante tempo eram conhecidos na casa, os meus trabalhos impressos e os meus esforços dispersos em uma sociedade em progresso, porém evadida ainda de egoísmos e venalidades revoltantes.

E como eram conhecidos o meu espírito igualitário e os meus actos e impressos, um senhor sacerdote lembrou-se de solenemente me prometer abjurar se eu conseguisse demonstrar-lhe a *insistência de Deus, as falsidades religiosas, a essência monista da substância*.

Venho, pois, amigo redactor, com a obra que tenho inextinguível gosto em oferecer-lhe, responder ao inconveniente repito tonstrado, em uma sala onde a atmosfera era propícia aos seus intuitos reservados, vexar quem defendia o bem sem interesses imediatos, *inconfessáveis*.

A obra, precisamente por este caso, é, nos seus cinco mil exemplares, somente para interesse monetário da Livraria Barateira, rua do Duque, sua amável Editora.

Quem assina estas linhas contenta-se em responder ao repito e corresponder ao seu próprio e acendrado sabor pelo progressivo destino da raça humana, especialmente da nossa.

E esta correspondência levar-me-há a argumentar com todo aquele que, sem faltar a uma exigida e devida cortezia, factor hoje raro e apetecido, pretender desobturar do seu alento o tenaz temor das religiões, do seu Além, caduco fruto das velutas ignorância e barbaria.

Muito grato pela publicação destas linhas subscrevo-me amigo e irmão Eugénio Batalha.

Os eternos Bairros Sociais

O sr. Luis Derouet entregou ao ministro do trabalho o relatório sobre os Bairros Sociais, de que o tinha encarregado o governo transacto. Nesse documento, que é bastante extenso, computa-se em 150.000 contos a quantia necessária para a conclusão do do Arco do Cego. Propõe-se no relatório que o Estado não assumia nenhum compromisso no acabamento dos Bairros Sociais, e que este seja entregue por lotes e por concurso público à indústria particular.

Abstemo-nos de apontar, por já em tempos o termos feito, as deficiências que se cometeram durante as obras dos mesmos Bairros.

Limitamo-nos a formular esta pergunta, embora sem esperança de resposta:

Quando se concluirão os decantados Bairros Sociais?

Sociedades de recreio

Sociedade de Instrução Amigos da Infância.—Hoje grandiosas festas carnavalescas, que durarão até 4.ª feira. No sábado de madrugada, espera-se o concurso da Filarmónica de Alcolena e da Troupe do Não Toca Nada.

Concentração Musical e Imparcial Sport.—Realiza-se nos três dias de Carnaval grandiosas festas. Hoje haverá concurso de cegadas, havendo para isso três prémios, distribuídos da seguinte forma: 1.º a cegada mais científica, 50\$00; 2.º de sentimento, 30\$00; 3.º a mais jocosa, 20\$00. Haverá bailes de máscaras nos dias 22, 23 e 24.

Academia Recreativa Nacional.—Hoje recita e baile. Domingo, segunda e terça bailes.

Grupo Dramático "Os Lusos."—Hoje, amanhã, segunda e terça-feira, bailes.

Grupo Dramático "Os Combatentes."—Hoje recita e baile; amanhã, segunda e terça-feira, bailes.

Grupo Desportivo Bairro d'Inglaterra.—Hoje, amanhã, segunda e terça-feira, bailes.

Sociedade Promotora de Educação Popular.—Amanhã, recita e baile; segunda-feira, baile; terça-feira, recita e baile.

Concentração M. 24 d'Agosto.—Hoje, amanhã, segunda e terça-feira, bailes.

Grupo Dramático Lisboense.—Recita e baile hoje, amanhã e depois, na terça-feira, baile.

Ajuda-Club.—Realiza-se hoje um baile abrilhantado por um grupo de músicos da G. N. R., havendo várias surpresas.

O Nacional vai proporcionar, este Carnaval, uma série de quatro esplêndidas noites de alegria e de prazer, em face do monumental programa que acaba de oferecer ao público. Além dos quatro bailes, os de melhor tradição e mais esculhida frequência, há dois soberbos e encantadores bailes infantis, na segunda e terça-feira com prémios, para as crianças melhor mascaradas.

FALTA DE PÃO NO PORTO

Uma comissão delegada da União dos Moageiros e da Associação dos Industriais de Padaria do Porto, acompanhada do governador civil do distrito, voltou ontem a instar com o sr. ministro da Agricultura para que aquela cidade seja com urgência abastecida de trigo e farinhas, a fim de evitar-se que se chegue ao extremo de não haver matéria prima para o fabrico de pão.

Vão baixar as tarifas dos eléctricos?

Na sessão de ontem da Comissão Executiva da Câmara Municipal foi tratada a questão das tarifas dos eléctricos.

Em novembro do ano findo, atendendo a que as tarifas bases que regulam as tarifas gerais da Companhia Carris de Ferro, haviam sido fixadas por accordo da Comissão Arbitral de 25 de Março desse ano, para o cambio de 2 1/2, e que segundo todas as previsões o cambio s/Londres em breve atingiria aquela divisa, tinha proposto que a Comissão Executiva autorisasse o seu digno presidente a emdegar a diligência necessária para obter a revisão e a alteração daquelas tarifas bases, nos termos do art. 5.º da escritura de 7 de Julho do mesmo referido ano, logo que o cambio s/Londres ultrapassasse aquela divisa de 2 1/2.

Tendo já há muito o cambio s/Londres ultrapassado 2 1/2, dever-se-ia agir, por forma que a Companhia reduzisse as suas tarifas em conformidade com o contracto.

Como se encontra já a testa do pelouro de engenharia e arquitectura o sr. Raul Caldeira, foi resolvido, por proposta de Alexandre Ferreira, que esse senhor fosse encarregado de tratar do assunto junto da Companhia.

As tarifas bases para o cambio s/Londres de 2 1/2 eram de \$40, \$60, \$70, \$80, \$90, para 1, 2, 3, 4 e 5 zonas.

MORAL DUM SOCIALISTA

Escreve-nos a direcção da Cooperativa dos Carpinteiros Portugueses, a propósito da "carta do Porto" publicada em *A Batalha* de 10 do corrente, sob o título acima, dizendo-nos não ser verdade que José da Costa Pereira, gerente dessa sociedade, se esforçasse por conseguir uma claquete que lhe desculpasse as faltas e que nem a direcção permitia que ele se valesse do lugar que ocupa para exercer a menor pressão sobre qualquer sócio.

Secção telegráfica

C. G. T.

Feccção Rural. — Os estatutos de Ficalho e de Aldeia de Barros já foram enviados para as respectivas localidades, os de Santo Amador foram para Coimbra.

Federações

CONSTRUÇÃO CIVIL

Colimão. — Comité de Propaganda Confederal. — Vosso officio aguarda reunião do Conselho Federal; o resultado d'entre os seguintes.

APOLLO

Durante o Carnaval, effectuar-se-ão espectáculos a preços populares, havendo divertimentos no salão e no palco. Os espectadores dos camarotes e frizas têm direito aos dois espectáculos. O teatro abre uma hora antes e fecha duas horas depois da última sessão.

OS QUE MORREM

Henrique Peixoto

Desapareceu do número dos vivos, vítima duma ocorrência trágica, na rua da Palma, na noite de 13 para 14 do corrente o que em vida se chamou Henrique Peixoto.

Henrique Peixoto foi um actor modesto mas consciencioso, embora ignorado de muita gente. Teve noites de verdadeira glória ao lado de nomes consagrados, como Adelalide Douradina, Amélia Vieira, Maria das Dóres, Adalina Abrancas, Ernesto do Vale, Alvaro, Posser, Gil, etc.

Representou em diversos theatros de Lisboa, no Rio de Janeiro, Amazonas, Pará e Manaus.

Como escritor teatral deixou alguns dramas, representados com êxito, como: "Os Ladrões da Honra", "Scenas do Mundo", "A Voz do Povo", "Golpe Mortal", "Es-fapado", etc.

Como actor e escritor teatral prestou sempre o seu concurso desinteressadamente em todas as festas em auxilio das que delas necessitavam, e pelo muito que trabalhou morreu pobre deixando a família na miséria.

O seu funeral realiza-se hoje, pelas 15 horas, para o cemitério do Alto de São oão, saindo da igreja do Destêrro.

Tendo falecido o actor Henrique Peixoto, pai de Raul Peixoto, membro da Associação dos Pintores da C. Naval esta convida os seus consócios a incorporarem-se no funeral.

HOJE

repete-se a magnificente e alegre revista

MOLA REAL

— NO —

TEATRO APOLO

que é entusiasticamente aplaudida todas as noites

Notabilissimo trabalho de Elisa Santos, José David, Alberto Ghira e Guilhermina Paiva

Música encantadora

Retumbante sucesso

Rodas "Ocas"

A melhor para a esquerda. Chegou uma remessa. Dirigir pedidos a FRANCISCO P. LATA. Tabacaria ou Quiosque do Largo do Conde Barão, 55. Pedras: dúzia \$50.00...

CONFERÊNCIAS

"Frente Unica do Proletariado"

Promovida pela Federação Anarquista da Região Central, realizou-se na sede do Sindicato Unico Metalúrgico uma conferência, subordinada ao título de "Frente Unica do Proletariado" o camarada Santos Arranha, do grupo anarquista "Povo Livre".

Saindo das regras mais ou menos estabelecidas, por todos os oradores, permite que seja interrompido por quem quer que seja, dentro duma forma correcta.

O tema escolhido é palpante, porquanto os últimos acontecimentos sucedidos são de molde a reclamar uma análise dos factos.

Afirma que é inteiramente impossível estabelecer a frente unica permanente entre duas tendências tão opostas como a libertária e a autoritária, porque nenhuma delas pode com a outra coexistir, sem abdicar, ou transigrir, nos princípios básicos da sua ideologia.

E' verdade que já algumas vezes em Portugal se tem constituído frentes unicas entre correntes de tendências diferentes, mas essas têm surgido espontaneamente e inesperadamente no momento do perigo, sem quaisquer compromissos por parte daqueles que nelas têm tomado parte.

Não tem sido em virtude de combinações e de pactos anteriores que elas têm surgido, mas sim impulsionadas pelos acontecimentos, tendo desaparecido logo que o perigo cessou. Assim, succedeu com a ameaça de ditadura militarista que há tempos pairou sombriamente sobre o céu da politica portuguesa.

Nessa occasião, republicanos esquerdistas, socialistas, comunistas, sindicalistas e anarquistas prepararam-se cada qual no seu campo e pelos seus meios para, pela força, evitar que tal pretensão vingasse, tendo sido unicamente a decisão de todos eles lutarem contra o inimigo comum que constituiu a "frente unica" e nada mais.

"Arte portuguesa"

Realizou-se ontem, perante uma numerosa assistência na Universidade Popular Portuguesa, uma conferência sobre o tema acima pelo dr. sr. João do Couto. O conferente disse que a arte podia e deve ser entendida por todas as pessoas, e nesse sentido convém interessar os portugueses de todas as classes no estudo e na protecção do nosso património artistico.

Falou de vantagens da educação artistica nos multiplos pontos de vista sob que pode ser encarada.

E entrando no assunto de primeira palestra explicou a evolução da arte peninsular até ao século XII.

O conferente foi no final da sua conferência muito aplaudido.

Agremiações várias

Scouts Marítimos de Portugal.— Foi fundado este grupo tendo por fins toda a espécie de socorros tanto marítimos como terrestres, contando em breve fazer a inauguração de um posto de Socorros a Naufragos.

O expediente deste grupo é tratado na sede provisória Rua Luis de Camões, 75, 4.º

Partido Nacional Africano.— O Conselho Supremo do Partido Nacional Africano, ao estudar os relatórios dos seus membros que regressaram de Africa, apreciou novamente a situação politica e social da metrópole e das colónias e mais detidamente de Angola.

Grupo Excursionista "Os Camariteiros."— Realiza-se hoje, pelas 19 horas, a fim de tratar de um assunto grave que se prende com um sócio a assembleia geral.

Produtos da caserna

Soldados que praticam revoltantes selvajarias contra animais

SACAVEM, 19. — Deve haver aproximadamente um mês, pairava por aqui um cão, que, devido ao desprêzo a que foi votado, andava em estado lastimoso. Uma praça da guarda republicana que pertence ao posto aqui instalado, entendeu por bem abatê-lo do número dos vivos.

Para tal pediu uma espingarda caçadeira, mas como lhe faltasse ânimo para o fazer, prontificou-se a consumir o acto um soldado do Batalhão de Guarnição aqui instalado, e, sem respeito pelos princípios humanos e de civilidade, em pleno dia, e na via pública, foi o animal alvejado a tiro. Para maior infelicidade, não o feriu mortalmente. O animal sofrendo horrosamente, ganha e arrastava-se sem direcção e com dificuldade, dando este selvático acto lugar a inúmeros protestos por parte de todos os que o observaram, protestos que obrigaram os autores de tal proeza a retirar o animal para lugar recôndito e a abatê-lo a ocultas.

O autor desta proeza, tendo estas faganhas de parceria com um camarada, mais o seguinte feito: Abandonada vaguemente por aqui, uma cadelã, que se chega a quem lhe possa ofertar qualquer coisa de comer, pois a dádiva das criaturas que acima cito foi embebedarem o pobre animal com aguardente e depois untarem-lhe as partes mais sensíveis do corpo com água-ráz. O animal embebedado e cheio de dóres não conseguiu sensibilizar os que se divertiam com tal selvajaria, pois que agarrando o pelo rabo o fizeram dar bastantes voltas, valendo-lhe os protestos daqueles a quem tal acto repugnou.

Não citamos os nomes nem números dos autores destas proezas porque só pretendemos expor o seu procedimento, e não apontá-los a quem lhes pudesse dar o correctivo que mereciam.— C.

DESPORTOS

Libérico Atlético Club

O conselho técnico deste clube em sua última reunião deliberou o seguinte:

Foot-ball.— Considerar todas as linhas inconstituídas; convidar todos os sócios jogadores a pessoalmente inscreverem-se no mais curto espaço de tempo para a reorganização de novas linhas.

Tiro.— Convidar todos os sócios que o queiram fazer a inscreverem-se para a formação da sociedade de tiro.

Esgrima, Ginástica e Desportos Atléticos.— Considerar aberta a inscrição destas secções.

Todas as inscrições são feitas na sede do Club perante a direcção ou o conselho técnico. Todos os pedidos de desafios de foot-ball ou cedências de campo, devem ser feitas até cada 2.ª feira antecedente ao pedido, dia em que reúne o mesmo.

Está constituída uma comissão que projecta levar a effecto deslumbrantes bailes pelo carnaval, cujo programa já elaborado deve causar sucesso. Não haverá contudo para estas festas bilhetes de convites especiais e aos sócios será exigido o cartão de identidade e a coia de janeiro.

DENTES ARTIFICIAIS

u 25\$00. Extrações sem dor, a 10\$00. Consulta especial das 10 a 1. Concertam-se dentaduras a 4 horas. Das 2 as 7 consultas com hora marcada.

MÁRIO MACHADO

CHIADO, 74, 1.º Telef. C. 4186

O PÃO

Um industrial que incita ao roubo

O industrial de panificação António Castanheira de Moura fez enviar às suas padarias o seguinte "memorandum":

"Lisboa, 16 de Janeiro de 1925. Ao encarregado da padaria n.º..."

Notando que a média do pão de luxo durante este mês é inferior à que devia produzir o fabrico dessa padaria, queira tomar nota de que a média não pode ser inferior a 4\$20 devendo o pão ser pesado com 0,270 gramas em massa.

Novamente chamo a sua atenção para a quantidade de pão de \$70 que consta das folhas, visto saber que a quantidade fabricada é maior aquela que indica.

P. P. de António Castanheira de Moura, (a) A. Pereira Lopes.

Este honrado industrial ainda não está satisfeito com os seus limitadíssimos rendimentos.

O "memorandum" de que damos cópia constitui um incitamento ao roubo, exigindo um lucro de \$40 centavos a mais, que a panificação não dá, e mandando fabricar mais pão de luxo, devendo todos esses aumentos de lucros sair da bolsa do povo consumidor.

Concursos de cegadas

Realiza-se hoje, pelas 21 horas, no salão da Construção Civil um concurso de cegadas. São convidadas as cegadas que ainda se não annunciaram a fazerem-no hoje até às 19 horas, a fim de se estabelecer a ordem da inscrição.

Serão conferidos 4 prémios às 4 cegadas que mais se distinguirem, sendo o juri composto por 5 camaradas dos assistentes à hora de começar o certame.

Os bilhetes para esta festa, que reverte a favor da Escola da Construção Civil, encontram-se na posse do continuo da sede.

Na sede da Secção Juvenil da Meia Laranja realiza-se hoje, às 21 horas, um concurso de cegadas, sendo conferido um prémio à mais científica e outro à mais ideológica.

O produto desta festa destina-se a auxiliar a propaganda desta secção.

Realiza-se hoje, às 20,30 horas, um concurso de cegadas, destinando-se o seu produto a favor do fundo escolar e de propaganda.

Serão conferidos três prémios a saber: o primeiro à mais científica, o segundo à mais ideológica, o terceiro à mais burlesca.

FACTOS DIVERSOS

Mutualidades escolares

Foi para o "diário do Governo" a lei tornando obrigatória nas escolas primárias oficiais de Lisboa e Porto, com mais de 30 alunos, a criação de mutualidades escolares, destinadas à constituição de dotas infantis e ao auxilio no caso de doença, e facultativa nas outras escolas do país.

Socorros a naufragos

Val-se criou e instalado brevemente um posto de socorros a naufragos na Fuzeta, Algarve.

Habitações de farinhas

Sob a presidência do sr. ministro da agricultura reuniu ontem a comissão de importação e abastecimento de cereais, tratando da aquisição de novos carregamentos de trigo e de um de milho.

Um grupo de proprietários de padarias de Lisboa conferenciou ontem com o sr. ministro da Agricultura sobre a questão do fornecimento de farinhas, de que continua a haver falta.

Vacina gratuita

A's 5, 8, 11 e sábados das 9 ás 11 da manhã no Posto da Cruz Verde, na Praça da Alegria.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

No Trindade

A opereta de Belini "Casta diva"

A opereta "Casta diva" é uma autêntica comédia musical, e em que não há novidades sob o ponto de vista dessa musiquação. O que agrada mais são as situações equívocas que surgem nela. O compositor, não tendo originalidade, encostou-se aos motivos orquestrais e aos processos por demasiado obtidos nas operetas do modelo "Vi-va alegre" e "Casta Susana".

No segundo acto, o quinteto é talvez o único trecho que acusa certa originalidade.

A acção da opereta é frívola, reduzindo-se quasi exclusivamente ao simples acompanhamento das vozes, notando-se unicamente pitoresco de sons na scena do beliche do primeiro acto, que não podemos deixar de achar característico.

Mas, se a opereta é fraca, o desempenho é que foi correctissimo por parte de toda a companhia Candini que está dando os seus últimos espectáculos.

Tabassi com a sua voz sa venceu todas as dificuldades com uma excelente facilidade e afinação. Lêa Candini desenvolta, mostrou mais uma vez a sua agradável e clarissima dicação.

Micheluzzi cantou com sentimento e representou. Desopilante o esplendido actor dançarino Siddív, o mais bonito e agradável de todos os trabalhos de Tarantino que é um bom elemento da companhia.

Acertada a regência do maestro Ricci.

Marcações animadas, como sempre.

NOGUEIRA DE BRITO

Teatro Juvénia

Nenhuma pessoa artista ou culta deve deixar de ir às Escolas Oeraiis ver o admirável desempenho da curiosa peça de Gaston Dvorce "Irmãos".

Se o assunto não é banal, menos ainda o é a estrutura do drama, uma luta sentimental entre duas irmãs cujos caracteres contrastam fortemente. A encenação de Aranj Pereira seria uma coisa notável em qualquer palco, mesmo estrangeiro.

Não é de estranhar portanto, que com estes prediosos o espectador receba uma forte impressão de beleza e novidade, que raras vezes terá encontrado.

Noticias

A mágica *A semana dos 9 dias*, vai à scena no Eden, na semana em que finda o Carnaval.

Reclames

No Nacional teremos esta noite a engraçadissima comédia, "Os Ingleses", que tanto se distinguem os artistas que a interpretam.

Amanhã, no Eden Teatro, inauguram-se os atraentissimos espectáculos de Carnaval, seguidos de deslumbrantissimos bailes, custando, apenas 7 escudos as entradas nos bailes.

A penultima representação, definitiva e irreversível da revista "Fruito Proibido", realiza-se hoje, no Eden. A deslumbrante e graciosa peça terá esta noite ampliação com o popularissimo numero "O casamento do Zumbão".

Cada vez há mais interesse do publico pela magnifica revista "Fruito Proibido" no teatro Apolo. Prometem ser interessantissimos os divertimentos que se realizam hoje e nos dias seguintes no teatro Apolo no salão e no palco daquela casa de espectáculos. Para esse effecto o Apolo abre as suas portas ao publico uma hora antes e fecha duas depois do espectáculo.

Realiza-se hoje, no Colisen dos Recreios, a inauguração da época carnavalesca com o primeiro espectáculo e baile da temporada com números de circo executados na pista pelos notáveis artistas Luzitinos, Clorones, Armand, Eduarnet, Los Angeles, e "faze tudo" Lertins e Vitali, com a estreia da hilariante pantomima comédia "O toureiro e o sapateiro". Rico & Alex e Irmãos Albanos, os célebres e aplaudidos "clowns", executarão originaes e engraçados intermédios cómicos que hão de colleservir a assistência em constante gargalhada. Amanhã realiza-se a primeira "matinée" seguida de baile infantil, tendo entrada gratuita todas as crianças até aos 10 anos de idade. Nos bailes a noite também tem entrada gratuita as senhoras que se apresentarem mascaradas.

Teatro Nacional

HOJE

A hilariante peça

Ingleses

AMANHÃ

a delicada comédia

HORA DE AMOR

seguidos de

2 GRANDIOSOS BAILES

DE MASCARAS

Segunda e terça-feira

em "matinée"

BAILES INFANTIS

DICKY

a linda comédia, repete-se

segunda-feira

TERÇA-FEIRA

ultimo espectáculo carnavalesco

com a peça

INGLESES

havendo 2 deslumbrantes bailes

"A Crise Económica"

Quereis fazer uma ideia do que seja a actual crise do país e a maneira pratica de a resolver, sob o seu aspecto financeiro, lêde das Edições SPARTACUS o livro

"A Crise Económica"

seus aspectos essenciais, pelo engenheiro

João Perpétuo da Cruz.

Preço 2\$50. A' venda nas livrarias e na

administração de A Batalha.

LA NOVELA IDEAL

A Revista Blanca que se publica em Barcelona acaba de lançar no mercado uma interessante coleção novelesca cujo primeiro numero temos presente. E' de Adria del Valle e intitula-se *Mi amigo Júlio*.

O seu preço é de 50. Pedidos à administração de A Batalha.

Ler o Suplemento de A BATALHA

Eden Teatro

(Telefone Norte 3800)

HOJE, ÀS 9,30 DA NOITE

Companhia OTELO DE CARVALHO

Inauguração das festas do Carnaval

Penultima representação definitiva da sensacional, deslumbrante e graciosa revista

FRUTO PROIBIDO

ampliada com o popularissimo numero comico

O CASAMENTO DO ZUMBA

desempenhado por Julia de Assunção, Antonio

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE FEVEREIRO

Q.	1	11	18	25	HOJE O SOL
Q.	1	12	19	26	Aparece às 7,33
S.	1	13	20	27	Desaparece às 17,42
S.	1	14	21	28	
D.	1	8	15	22	Q. C. dia 8 às 6,10
S.	2	9	16	23	L. C. dia 9 às 7,03
S.	3	10	17	24	Q. M. dia 10 às 7,41
S.	3	11	18	25	L. N. dia 11 às 8,29

MARES DE HOJE

Praia mar às 9,21 e às 9,55
Baixamar às 5,51 e às 6,25

CAMBIO

Países	Compra	Venda
Londres, 60 dias de vista	128,00	128,00
Londres, cheque	128,00	128,00
Paris	128,00	128,00
Suiza	128,00	128,00
Belgica	128,00	128,00
Italia	128,00	128,00
Holanda	128,00	128,00
Madrid	128,00	128,00
New-York	128,00	128,00
Brasil	128,00	128,00
Noruega	128,00	128,00
Suecia	128,00	128,00
Dinamarca	128,00	128,00
Praga	128,00	128,00
Buenos Aires	128,00	128,00
Viena (100 coras)	128,00	128,00
Buenos Aires	128,00	128,00
Agio do ouro 1/2	128,00	128,00
Libras ouro	128,00	128,00

ESPECTACULOS

TEATROS

São Luis - A's 21, 25 - Benamor

Nacional - A's 20, 30 - Inglêses

Deliteima - A's 20 - "Ouro e" e "Vem cá não tens medo"

Trindade - A's 21, 25 - "Casta Diva"

Apolo - A's 21, 25 - "Mota Real"

Renito - A's 21, 25 - "Susi"

Juvenio - A's 21, 30 - "Juvenio"

Eben - A's 21, 30 - "Fruito Proibido"

Martin Vitoria - A's 20, 30 e 22, 30 - "O 31 e Res-Ves"

Coliseu dos Recreios - A's 21 - Companhia de circo

Salão Joy - A's 20, 30 - Variedades

El Vicente (4 Graça) - A's 21 - "O Cabo Simões"

Renito Parque - Todas as noites - Concertos e di-cursos

CINEMAS

Olimpia - Chado Terrasse - Salão Central - Cinema

Condes - Salão Ideal - Salão Lisboa - Sociedade Pro-motora de Educação Popular - Cine Paris - Cine Es-perança - Chantecler - Tivoli - Tortoise

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metal Auer, assim como rodas ócas e mactas, tubos, molas, chaminés de 2 e 3 peças, lampões, Vendem-se no Largo Conde Barão, n.º 55 e quiosque.

Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata (2) a casa que fornece em melhores con-dições.

NO BARATEIRO DE SAPADORES encontram-se artigos de fazendas, retrozeiro e utilidades pelos preços mais económicos do mercado

As boas donas de casa devem fazer uma visita ao estabelecimento de Evaristo Ferreira Baptista Júnior a rua de Sapadores, 143-B e 143-D GRAÇA

BAIXA DE PREÇOS CAMARADAS!!

NO N.º 60 da rua do Marquês de Alegrete, vende-se toda a existência de calçado a preços convidativos, por motivo de obras CAMARADAS! VÃO VÊR

Lêde o Suplemento de A BATALHA

ESPELHOS BELGAS

Grande redução de preços devido à melhoria cambial.

Bu. Almirante Reis, 24-B - Telef. N. 4060

Anilinas Jacobus

A melhor maneira de resistir à alta de preços dos artigos de vesti-tário, é tingir os fatos e os vesti-dos com as célebres anilinas JA-COBUS, únicas que se podem aplicar com justificada confiança. Todos as preferem por serem as melhores do mundo. Com uma despesa insignificante fica-se com um traje novo, sem ser necessário pagar ao tintureiro preços exorbi-tantes.

A venda em todas as boas dro-garias do continente e ilhas.

DEPOSITO GERAL só por ata-cado: Sociedade Produtos Quí-micos, Limitada, Campo das Cebolas, 43, 1.º - Lisboa.

Policlinica da Rua do Jardim do Tabaco, 90

Dr. Alberto Gomes, Cirurgião dos Hospitais - Ope-rações, 2 a 3 horas.

Dr. Hilário de Sousa, Assist. da Fac. de Med. - Doenças dos olhos, 2 a 3 horas.

Dr. António de Almeida, Ex-Ass. do Oscar Helene-Hein em Berlim - Ortopedia (deformidades e paralisias em crianças e adultos. Tuberculose dos ossos). Fizio-terapia (Electricidade, massagem, luz, etc), 2 a 3 horas.

Dr. Berthel Camacho, Assist. da Fac. de Med. - Cli-nica geral. Doenças nervosas, 2 a 3 horas.

Dr. Casão de Incêdas, Ass. da Fac. de Med. Ex-Ass. do Prof. Strauss em Berlim - Medicina geral. Doenças do estomago, intestinos e fígado. Endosco-pia. Dietética, 2 a 3 horas.

Dr. Euláudio Teixeira, Ass. da Fac. de Med. - Doenças das mulheres, 2 a 3 horas.

Dr. Francisco Martins, Ass. Livre da Fac. de Med. - Doenças das crianças, 2 a 3 horas.

Dr. Moraes Cardoso, Ex-Ass. do Prof. Ladassouh em Breslau - Doenças da pele e sífilis, 2 a 3 horas.

Dr. Morais Damil, Ass. da Fac. de Med. - Coração e pulmões. Clínica geral, 2 a 3 horas.

Dr. Renato Araújo, Monitor do Hosp. Necker em Paris - Doenças das vias urinárias, 2 a 3 horas.

Prof. March Rithias, da Fac. de Med.

D. Helena Calado, (Chefe de Lab.) - Análises clínicas. na Fac. de Med.

Dr. Benedito Gomes, Director de Radiologia no Hosp. Escolar - Raios X. Rádio.

MENINAS e todas as donas de casa

que desejem mudar os seus vestidos de cor escura para mais clara, podem fazê-lo com-prando um tubo do famoso **Decorante** "Lipsia" tingindo-os depois na cor que desejarem com as anilinas "WIKI-WIKI". Cada tubo indica em português a ma-neira de se usar.

Este **Decorante**, assim como as anilinas "WIKI-WIKI", encontram-se à venda em todas as boas drograrias de Portugal e no depósito geral:

Rua da Madalena, 113, 2.º

TELEFONE C. 5507

Sampaio & Rodrigues

Ao Povo de Lisboa DEFENDAM-SE

Não mandem fazer fatos sem fazerem uma visita à Alfaiataria "Centro da Moda", onde se veste com mais economia, elegância e distinção.

Grande baixa de preços

Também se fazem fatos a fei-tio para homens e senhoras.

Grande facilidade de pagamento

LIMAS

As melhores são as da "União". Tomé Feiteiras, Vieira de Leiria, Pedra em todas as lojas de ferragens. Em preços e tem-pera rivalizam com as melhores marcas inglesas.

MARCAS REGISTRADAS

Pedidos aos nossos Representantes e Depoi-tários em Lisboa ara. Ferreira & C.ª, Lda - Cal-çada do Marquês de Abrantes, 136 - Telef. C. 1302

Valério, Lopes & Ferreira, L.ª

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metal, cutelarias, talheres, louça esmaltada, parafusos, fun-dos para caldeiras, - guarnições para móveis -

Chapa ferro preta e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antimónio, balanças, pesos e medidas, cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.

84, R. DO AMPARO, 86 - LISBOA - TELE: fone, 3930, N. gramas, FERRAGENS

FATOS COMPLETOS E SOBRETUDOS

em boas fazendas de lã 169\$00 com bons forros desde 169\$00

IMPREMISSÍVEIS INGLESES com tinto e rapuz, desde 169\$00

CAPAS ALENTEJANAS desde 199\$00

CALÇAS desde 40\$00

ABATIMENTOS PARA REVENDA

O CHAVES DO CONDE BARÃO

170, RUA DA BOAVISTA, 172

CALÇADO

A sapataria do Calhariz

a 25\$00 grande lote de sapatos calf preto, fôrma brôa, cujo valor em verniz, abotinados, salto Luis é de 70\$00.

XV, a 60\$00 sapatos de verniz, de-cotados, para senhora, cujo valor é de 75\$00.

a 75\$00 botas em calf, preto, fôrma da moda, 2 gáspas e 2 so-las corridas, cujo valor é de 100\$00.

a 30\$00 sapatos de verniz abo-tinados e c. IX, para senhora, cujo valor é de 60\$00.

a 55\$00 sapatos de calf cor da moda, cujo valor é de 80\$00.

a 59\$50 grande lote de botas, sola.

Desde 6\$00 sapatos para criança

FOOT-BALL

Esta casa, vende botas e bolas, muito mais baratas que qualquer outra casa

33, LARGO DO CALHARIZ, 33

ACABA DE APARECER:

Os quatro cavaleiros do Apocalipse

Sensacional romance histórico e cinematográfico - A obra prima de Blasco Ibañeta - Tradução de Raúl Puyana

A venda em todas as livrarias. Um volume de 400 pag. em magnifico papel, 15\$00; pelo correio, 16\$25. Tiragem especial de 100 exemplares numerados ao preço de 16\$00.

Pedidos em Lisboa à Livraria Peninsular Editora, rua do Povo dos Negros, 79, e à Empresa Portuguesa de Livros, Ltd., travessa da Palmeira, 32 e 34, e no Porto, a Fernando Machado & C.ª, Ltd., rua das Carmelitas, 15.

Aos revendedores faz-se 25 % em encomendas firmes de 100 exemplares, e de 30 % em 500 exemplares.

Enviam-se franco de porte para o continente as encomendas à cobrança do mínimo de dez exemplares.

Telha de Marselha Tijolo furado

Vasco Mourão

Rua Nova do Carmo, 35, 2.º

CAMAS E COLCHÕES

ninguém vende mais barato

RUA POAIS DE SÃO BENTO, 37

Madeiras

Taboado 12 palmos. Solho à Portuguesa. Fôrro em tócco e aparelhado. Preços sem competência.

Vasco Mourão

Rua Nova do Carmo, 35, 2.º

PURGAÇÕES

Curia rápida e radical com a GONOSINA

Único específico que não causa aperto de uretra

FARMACIA OLIVEIRA - 238, Rua da Prata, 240

Serviço de livreria de A BATALHA

Livros em Esperanto

Angla Lingvo sen Professore		bowski, 1 volume de 38 pági-nas.....	3\$00
Comédia em 1 acto de <i>Tristan Bernard</i> , traduzida por Gaston Moch. 1 volume de 44 páginas	5\$00	Hebreaj Rakontoj	
Aspazio		Contos humorísticos de <i>Salom-Alchem</i> , traduzidos por Is. Mu-nik. 1 volume de páginas.....	6\$00
Tragédia em 5 actos de <i>Sven-hovsk</i> traduzido pelo dr. Leono Zemenhof. 1 volume de 157 pá-ginas.....	8\$00	Historio de la Lingvo Esperanto	
La Avarulo		Desde 1887 a 1900. Assunto sem-pre versado nos exames com-mentares de Esperanto. 1 vol. de 74 páginas.....	6\$5
Comédia em 3 actos de <i>Molière</i> , tradução de Sam Meyer. 1 vo-lume de 64 páginas.....	5\$00	Imenlago	
La Barbiro de Sevilha		Novela de <i>Theodor Storm</i> , tradu-ção de Alfred Bader. 1 volume de 33 páginas.....	3\$00
Comédia em 4 actos de <i>Beaumar-chais</i> , tradução de Sam Meyer. 1 volume de 64 páginas.....	4\$00	La Interrompita Kanto	
Bildotaboloj		Pela <i>Sino. Orszeko</i> , tradução de Dr. Kabe. 1 vol. de 79 páginas..	8\$50
De Thora Goldsch mt. Excelente para conversação e para fixar palavras, com inúmeras estam-pas elucidativas; é indispensá-vel, 1 volume encadernado....	15\$00	Kaatoj	
Chaves de Esperanto		Peça em 4 actos de <i>Paul Spaak</i> , tradução do dr. Wyan der Bies-t. 1 volume de 111 páginas....	8\$00
Pequenas, absolutamente portá-teis, esplêndidas como auxi-liar e para propaganda, contem-do gramática e vocabulário....	5\$0	Kanto de Triunfanta Amo	
Elektilaj Premioj		Por <i>Ivan Turgenev</i> , tradução de dr. Andree Fiser. 1 volume de 32 páginas.....	2\$00
De <i>Henri Heine</i> , tradução de Fried-rieh Pillath. 1 volume de luxo	2\$60	Kurludo de Toroj	
La Elementoj kaj la Vortlarado		Original de <i>A. Carles</i> . volume de 50 páginas.....	3\$50
De <i>Cefer</i> , Gramática e sintaxe em Esperanto. Muito interessante. 1 volume de 64 páginas.....	5\$00	Kurso Tutmonda lau la Metodo Natura	
Esperanto el Croix-Rouge		Original de <i>Emile Gasse</i> . 1 vol. de 57 páginas.....	2\$50
De <i>Bayol</i> . Em francês e Esperan-to, com a terminologia milit-ar e de enfermagem; precioso para conferencistas militares, 1 volume.....	2\$50	La Kvar Evangelioj	
Enciclopedia Vortaro Esperanta		Reúndidos num conto pelo padre Laisny. 1 volume de 196 pági-nas.....	8\$00
De <i>Verax</i> , com explicações em Es-peranto e tradução em francês. volume de 284 páginas.....	20\$00	Kvin Noveloj	
Esperantaj Poemoj		D. L. E. Meyer, tradução de di-versos. 1 volume encadernado.	5\$00
De <i>C. Chr. Deogendijk</i>	2\$35	Lupo, Hundoj kaj Homoj	
Esperantaj Prozaĵoj		Novel de <i>Adolph Dygasinski</i> , tradução de Br. Kubi. 1 volume encadernado.....	2\$50
De diversos autores. 1 volume de 246 páginas.....	8\$00	La Reĝo de la Montoj	
Fantomo en Zubiŝo		Romance de <i>Ed. About</i> , tradu-zido por Gaston Moch, com lindas ilustrações de <i>Gustavo Doré</i> . 1 volume de 248 páginas	12\$00
De <i>Kolomano Mikszath</i> , tradução de Eugenio Forster.....	4\$00	La Revizoro	
Fatala Suldo		Comédia em 5 actos de <i>N. V. Go-gol</i> . 1 volume de 100 páginas....	8\$00
De <i>Leonel Dalsace</i> , obra teosófi-tra unida por E. F. Cense. 1 vo-lume de 318 páginas.....	12\$00	La Rompantoj	
Fraulinio Suzano		Cinco monólogos, com estampas intercaladas no texto. 1 vo-lume de 44 páginas.....	4\$00
Novela por <i>Avsenko</i> , tradução de P. Medem. 1 volume.....	3\$00	La Rabistoj	
Frenezo		Drama em 5 actos de <i>Schiller</i> , 1 volume de 144 páginas.....	10\$00
Dois dramazinhos em 1 acto, ori-ginais de <i>F. Pujala-Vajfés</i> . 1 volume de 40 páginas.....	3\$00	Matematika Terminaro	
Fundamenta Krestomatio		Por <i>Bricart</i> . 1 volume de 60 pági-nas.....	5\$00
Compilação de <i>L. L. Zamenhof</i> , autor do Esperanto. Exercícios, fábulas, contos, artigos sobre Esperanto, poesias, etc, livro que todo o principiante deve adquirir. 1 volume de 460 pági-nas.....	15\$00	Mistero de Doloro	
La Fundo de l' Mizero		Drama de <i>Adriá Gual</i> , tradu-zido do catalão por F. Pujala-Vajfés. 1 volume de 96 páginas	
De <i>Vaclav Sierosevski</i> , tradução do dr. Kabe. 1 volume de 88 páginas.....	3\$00	Monadologio	
George Dandin		De <i>Lebnitz</i> , traduziu Reitor E. Boirac. 1 volume de 31 páginas	3\$00
Comédia em três actos de <i>Mo-lière</i> , engraçadíssima, 1 volume de 52 páginas.....	6\$00	Plena Vortaro Esperanto-Esperanta	
Haika		Por <i>Emile Boirac</i> , 2 volumes de 430 páginas.....	30\$00
Opera em 4 actos, texto de <i>Wols-ki</i> , tradução de Antoni Gra-		Provo de Marista Terminaro	

TODOS OS PEDIDOS de livros devem ser feitos por meio de carta registada na qual será enviada a importância res-pectiva, acrescida do correspondente custo do porte de correio e registro.

Os preços de porte são os seguintes:

Continente - Pacote até 2 quilos, cada 50 gramas, \$15. Encomendas postais, até 1 quilos, \$550.

Brazil e países da União Postal - Pacote até 2 quilos, \$32 cada 50 gramas

América do Norte - Pacotes até 5 quilos, \$790.

21-2-1925

OS MISTÉRIOS DO POVO

N.º 370

família, não pôde sofrer por mais tempo a opressão dos senhores bretãos, que se fizeram depois da sua aliança com o clero católico, cruéis como os senhores francos! Nosso avô vendeu o pouco que possuía, em-barcou em Vannes com sua mulher, num navio mer-cante que ia para Abbeville; logo que chegou a esta cidade, nosso avô entregou-se a um modesto tráfico; mais tarde, meu pai foi estabelecer-se nessa mesma provincia da Picardia, em Laon, onde meu irmão mais velho Gildaz exerce ainda a profissão de correioiro. Vindo por mar, de Abbeville a Nantes, traficaram em objectos do nosso comércio fabricados em Laon, co-nheci tua mãe... filha do mercador a quem me tinha dirigido. Amei-a apaixonadamente. Os seus parentes não quiseram separar-se dela, e os meus com grande pesar, consentiram na nossa união, que me fazia au-sentar para sempre deles! porque, ah! nunca mais os tornarei a ver... Enriqueci-me associando-me ao ne-gócio do pai de tua mãe. Quando a perdi, ainda tu eras criança; a tua morte foi o maior pezar da minha vida; mas ficavas-me tu, minha filha! crescias em graça, em donaire, e em formosura, finalmente, tudo me sorria... eu era feliz, e eis que hoje, acedendo aos desejos de tua avó.

Depois, interrompendo-se, Bezenecq o Rico exclamou desesperado:

— Oh! é horrível!

E continuou com amargura:

— Talvez seja um justo castigo!

— Um castigo!... E que mal fizemos nós... meu bom pai?

— Ah! replicou o cidadão de Nantes suspirando, a minha felicidade fez-me esquecer a desgraça de nossos irmãos! Esses milhares de servos, de vilões, que po-vam as terras dos senhores e do clero... esses desgraçados servos, todos os dias morrendo de fadiga, de miséria e cujos cadáveres pendem nas forcas, esses infelizes são, como nós, de raça gauleza! e por alguns cidadãos vivendo às vezes socoados nas cidades, quando por acaso têm, como nós outros habitantes de

Nantes, por senhor um bispo bondoso, milhões de servos e de vilões são vítimas dos senhorios e da Igreja.

— Ah! meu pai, o coração goteja sangue ao pen-sar nesses infelizes, mas que se há de fazer?

— Ah! minha filha, repito-te que sou castigado por ter esquecido as máximas de meu pai...

— Bem vê que estamos perdidos... já não há esperança! exclamou a donzela de quem os soluços rebentaram; a morte... uma morte certa e horrível nos espera!

E Isolina, cujos dentes batiam uns nos outros de terror, mostrou com o gesto a seu pai os instrumentos da tortura que guarneciam a masmorra; depois, es-condendo o rosto entre as mãos, solton gemidos con-vulsivos.

— Isolina! replicou Bezenecq com voz suplicante e amargurada, minha querida filha... ouve: os teus terrores são exagerados... o aspecto d'este subterrâneo amedronta-te. Ah! compreendo tudo isso; mas peço-te que sejas sensata: Quando eu tiver unido de antemão a tudo quanto o senhor de Plouernel possa exigir de mim, quando houver consentido em despojar-me em seu proveito de tudo quanto possuo no mundo, dize que queres tu que ele me faça? De que lhe serviria torturar-me? Não me odeia pessoalmente; deseja só os meus bens, darei tudo, absolutamente tudo, porque motivo, pois, nos há de mandar matar? Quando me afiio do castigo que nos está reservado, quero falar da nossa ruína...

— Bom pai... bem vejo que me quer socegar...

— Certamente! por ventura a nossa sorte não é já bastante infeliz? De que serve ensombrecer ainda mais a realidade? Eu contava dotar-te ricamente, deixar-te todos os meus bens, que teriam assegurado a felici-dade de teus filhos... e vou ser despojado de tudo! Depois dos cincoenta anos vejo-me tão pobre como um servo, reduzido a que partilhas a minha pobreza, tu, meu Deus! por quem tenho trabalhado com tanto amor!

— Ah! se o senhor de Plouernel nos concedesse a vida... pouco me importaria a mim com todas essas riquezas que meu pai tanto chora por minha causa.

— E eu não teria menos coragem do que tu! disse Bezenecq apertando ternamente entre as suas as mãos de sua filha, faria de conta que tinha pôsto todo o meu dinheiro a bordo de um navio que houvesse dado à costa, em suma, isto teria podido acontecer, não é ver-dade? e nesse caso, deixar-me-hia subjugor? cobarde-mente me resignaria a vêr a minha Isolina sofrer a miséria? Não, não! Oh! a-pesar-dos meus cincoenta anos ainda estou forte e corajoso! Por isso, não sabes tu o meu projecto, querida filha? Logo que esteja fora deste infernal castello, voltaremos a Nantes, irei ter com meu compadre *Thibaldo o Pagador*; ele não desconhece a minha aptidão para o comércio, empre-gar-me-há em sua casa, o meu salário será suficiente para nós dois; com a diferença, formosa Isolina, acres-centou Bezenecq procurando sorrir e esperançado de acalmar os receios de sua filha, que será mister, com as tuas minhas mãos, coser os teus vestidos e preparar a nossa comida frugal; em lugar da nossa casa da praça do Mercado Novo, habitaremos algum humilde albergue do bairro das Barreiras; mas ah! que impor-ta isso, quando o coração está alegre! e, finalmente, sem-pre conservarei algum dinheiro para comprar de vez em quando, ao regressar para casa, uma fitinha nova para o teu pescocinho, ou um ramalhete de rosas para o teu quarto de dormir.

Apesar do seu terror, Isolina não pôde deixar de ceder às consoladoras esperanças do cidadão de Nan-tes; e fechando os olhos a fim de não ser chamada a horrível realidade pela vista da hedionda máscara de pedra e dos instrumentos de suplicio, a donzela escon-deu o rosto no seio de seu pai e murmurou com voz comovida:

— Oh! se isso assim acontecesse! se nós podesse-mos sair deste castello? Longe de chorar as nossas ri-quezas perdidas, eu agradeceria a Deus, por que po-deria ao menos trabalhar para si, meu pai!

— Nada, senhora Isolina, eu saberei prover a tudo, replicou alegremente Bezenecq, quem sabe, além dis-so, se eu não encontrarei bem depressa pessoa que me ajude? Sim, quem nos diz a nós, que um lindo rapaz não te peça em casamento? enamorando-se dessa ca-rinha quando ela houver reasumido as suas frescas côres... acrescentou o mercador, abraçando terna-mente a filha.

— Meu pai! disse subitamente Isolina indicando com um gesto de espanto a parede na qual estava es-culpida a hedionda máscara de ferro; os olhos profun-dos daquela cabeça parecem iluminar-se interiormen-te... Veja, veja...

O mercador voltou rapidamente a cabeça para o lado da parede que lhe indicava sua filha e a qual ele voltava então as costas, mas já as claridades tinham desaparecido. Bezenecq julgou ser uma ilusão do es-pirito assustado de Isolina, e respondeu:

— Talvez te tenhas enganado; como queres tu que os olhos daquele feio rosto possam lançar claridade? Seria mister que houvesse luz na espessura da parede; será isso coisa possível, minha filha?

A porta da masmorra fazia frente à máscara de pedra; de repente abriu-se Bezenecq o Rico e sua filha viram entrar o baillio Garin e o tabellão do senhor de Plouernel, seguido de muitas pessoas de rostos sinis-tros; um trazia um fole de forja e um saco de carvão, e, outro homem vinha carregado de lenha. Isolina um momento socogada pelas palavras de seu pai, mas chamada à realidade pela aproximação dos algozes, soltou um grito de terror Bezenecq, a fim de socegar as angústias de sua filha, levantou-se e disse ao bai-lho com voz firme, designando-lhe o tabellão:

— Este querido senhor que traz debaixo do braço pergaminhos, é sem dúvida o tabellão do senhor conde, Garin fez um aceno de cabeça afirmativo.

— Este tabellão, prosseguiu o cidadão de Nantes, vem obrigá-me a assinar o acto pelo qual eu consinto em pagar o resgate?

O baillio fez um novo aceno de cabeça afirmativo.



Os sindicatos operários americanos estão construindo casas baratas

Exactamente como se dá em Portugal, a crise da habitação é enorme na América. Não é que haja falta de casas, pois pelo contrário, os edifícios recentemente construídos são isentos de imposto predial, o que faz com que em Nova-York e na maior parte das grandes cidades americanas, se estejam construindo numerosíssimas habitações.

O que há lá, como nesta malfadada terra, é que as rendas são exorbitantes. Não é raro ver um operário ou empregado, ter que sacrificar 30 ou 50% do seu salário para poder ter uma casa. Actualmente na América é completamente impossível para uma família, conseguir uma casa regular por menos de 75 dólares por mês (mais de 1.500 escudos).

Os salários, por mais elevados que sejam, não permitem uma tal despesa e é essa a razão porque a maior parte das famílias vivem actualmente em miseráveis antros.

Para remediar este estado de coisas os quatro sindicatos operários mais importantes da América—a União dos Alfaiates para senhoras, o Sindicato da indústria do vestuário, o Sindicato dos operários das peles para senhoras, e o dos chapelleiros—elaboraram um projecto que promete dar resultados esplendidos.

As organizações de que falámos e que contam pelo menos 250.000 membros disseminados pelos grandes centros, decidiram agrupar-se para construir em comum habitações operárias de rendas baratas.

Os inquilinos terão assim todo o conforto moderno: aquecimento central, electricidade, salas de banho com água quente e fria à vontade, aparelhos de «douches», geladeiras, etc.

Além disso estas casas terão lavadouros comuns, e extensas porções de terreno que servirão de campo de jogos para as crianças.

Estas habitações pertencerão colectivamente aos próprios inquilinos que terão de contribuir para as despesas de construção, por meio dum pagamento inicial pouco elevado, seguido de pagamentos mensais.

O capital necessário para esta obra será adiantado pelos próprios sindicatos.

A edificação da primeira serie destas habitações vai começar dentro em pouco em Nova-York, e deve custar aproximadamente 1 milhão de dólares.

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Os corticeiros de Faro contra a baixa de salários

FARO, 18.—Após duas semanas de luta conseguiram os operários corticeiros sair vitoriosos do seu movimento contra a baixa de salários que tentava fazer o industrial Pekin, tendo mantido galhardamente a sua atitude de rebeldia.

Estes operários retomam o trabalho na próxima segunda-feira.—E.

Um industrial que pretende agravar a situação dos seus operários

SEIXAL, 19.—Reuniram os operários da casa Vicaner para apreciar a atitude deste industrial na questão da baixa de salários. Há muito que a casa Vicaner tentou baixar a todos os operários, mas, como esse propósito fosse repudiado, só conseguiu baixá-los a alguns operários que antes suspendera, e, como muitos empregados que se encontravam com o ordenado diário não aceitavam a redução e esse senhor os não queria atender despediram-se.

Agora veio novamente junto dos operários um seu representante dizer que tinha resolvido reduzir em 10% os salários a todos os operários, exceptuando os que já sofriam essa redução.

Todos os operários reunidos repudiaram essa redução e nomearam uma comissão para fazer sentir ao senhor Vicaner essa disposição do seu pessoal, devendo reunir em breve para saber o resultado das deliberações dessa comissão.—E.

A greve dos marítimos de Faro contra a baixa de salários

FARO, 19.—Mantém-se o movimento das classes marítimas desta localidade com a solidariedade dos carceiros que se encontram completamente paralisados.

Hoje realizou-se uma sessão magna das classes em greve em que tomaram parte delegados da Federação Marítima, C. G. T., e Federação Rural que se encontram em missão de propaganda no sul do país.

Um delegado da Federação Marítima dá conta das démarches realizadas junto das entidades oficiais a quem está afecta a solução do conflito e diz que a solidariedade existente entre os trabalhadores os conduzir a uma vitória certa.

O delegado da U. S. O. de Portimão afirma a solidariedade deste organismo pelas classes em luta.

O delegado da C. G. T. refere-se à solidariedade que é necessário manter entre os grevistas para terem direito à solidariedade dos operários das outras indústrias, terminando por apreciar o lado moral do movimento, que só devido à má fé daqueles a quem cumpre solução-lhe ainda se não chegou à solução.

O delegado da Federação Rural manifesta a sua satisfação pelo movimento a que está assignado aconselhando todos a manterem-se unidos, pois só assim conseguirão alcançar a vitória a que têm jás.

Usam ainda da palavra alguns elementos em greve, depois do que o presidente frisa a necessidade dos trabalhadores marítimos organizarem o seu conselho técnico para poderem levar a cabo a missão que lhes cumpre. Refere-se à acção da mulher com o elemento necessário a auxiliar o homem na luta pela emancipação humana em que a organização está empenhada.

Terminou a sessão com vivas à C. G. T., Federação Marítima e à Batalha.—E.

“A Batalha” vende-se em todas as tabacarias

RESPIGANDO...

O recrutamento sindical

Para o recrutamento dos seus aderentes e para o desenvolvimento da sua influência entre os operários, o sindicato não pode contar senão com os seus próprios meios; e estes meios, dado o fim a atingir, não podem ser outros senão a propaganda, o exemplo da acção, o zelo constante em defesa dos interesses de todos e de cada um, os resultados obtidos.

Tanto melhor para o sindicato. Assim, terá que pôr em movimento, o máximo das suas energias e capacidades. Terá que fazer apelo à cooperação de todos, a fim de que a sua influência se faça sentir, melhor ou pior, em todos os recantos e em todas as direcções. Terá que chamar à actividade sindical o maior número tratando de os preparar para a obra comum.

Nada impede, aliás, que o sindicato se faça o mais atraente possível, e que a propaganda revista as mais belas formas.

Nós achamos perigoso e embaraçador o entesouramento improdutivo, mas entendemos que o sindicalismo deve pedir ao salariado o máximo da contribuição voluntária para a causa comum, para a realização de nobres e grandes empresas.

E uma das melhores aplicações desses sacrificios colectivos é, certamente, o aperfeiçoamento dos instrumentos de propaganda, é o embelezamento dos centros de atracção operários, a cargo, sobretudo, das uniões de sindicatos, federações e confederações.

O operário vai à associação, ao sindicato, levado pelo interesse e pela sedução da ideia. Lá, encontra um ambiente adequado ao seu estado de espírito, um convívio grato aos seus sentimentos de homem do trabalho, o calor das grandes paixões sinceras e o estímulo dos mais fecundos exemplos. E se lá encontra também o conforto convidativo da luz, do ar e da arte, ei-lo definitivamente roubado às consolações dúbias do botequim e às illusórias fustigações do álcool.

E é esse nobre chamariz que os trabalhadores conscientes devem oferecer aos seus irmãos da oficina e do campo. Um socialista francês ficou assombrado ao encontrar na Itália, em cidades, cinco, seis vezes menores do que Paris, Casas do Povo, verdadeiros Palácios do Trabalho, que o proletariado francês ainda não soube edificar. Elas atestam quanto pode a iniciativa arrojada, conjuvada pela fé e tenacidade de muitos.

Vastas e luminosas Casas dos Trabalhadores, com amplas salas para assembleias, bibliotecas, conferências, concertos, espectáculos! A música, o teatro, a arte de clamar e didática, todas as artes, servidas pelas artistas sindicadas, enchendo os mercedos ócios do trabalhador, enriquecendo-lhe o cérebro, burilando-lhe o sentimento!

Nada impede, tampouco, que o sindicato promova a instrução geral e a educação técnica dos seus sócios, com múltiplas vantagens: desenvolver neles as aptidões para a vida associativa, para a acção militante; aumentar o seu poder de resistência, pois o operário instruído e hábil no seu ofício faz mais falta à produção, e, portanto, tem maior peso a sua abstenção do trabalho; habilitá-los a tomar amanhã conta da administração directa das coisas.

Trata-se, não de introduzir no sindicato funções absorventes da actividade sindical e adormecedoras da acção directa, como as funções económicas conservadoras (mutualidades, seguros, cooperativismo, etc.), mas de empregar meios de propaganda e educação, subordinados à função económica única da liga de resistência.

Essas realizações não estorvarão, mas, pelo contrário, favorecerão e consolidarão a nossa obra essencial. Nós temos que construir um mundo novo em todas as suas partes, e atrair, preparar, educar os seus obreiros.

NENO VASCO

Descarregadores da Vala do Carregado

Os seus inimigos contam com o apoio das autoridades e da força pública

VALA DO CARREGADO, 17.—Ontem quando os descarregadores de mar e terra tentavam descarregar a Canoia B. 1040S. P. pertencente ao sr. António Coutinho, e que tem como arrais Manuel Sangria ficaram pasmados por verem que a dita embarcação estava sendo descarregada por pessoal não associado guardado pela Guarda Republicana aquartelada em Vila Franca.

A atitude desse arrais levou a revolta ao espírito de alguns marítimos que presenciaram o caso.

Este facto é mais uma prova da guerra que se pretende fazer ao sindicato dos descarregadores de mar e terra.

E as autoridades veem abusivamente pondo-se ao lado dos que odeiam o sindicato, como se vê por agora terem fornecido a força pública para impedirem os associados de trabalhar e por factos já passados.

As autoridades não têm o direito de se colocarem abertamente ao lado dos inimigos do povo.—C.

SOLIDARIEDADE

A favor de José Lopes

Fica transferida para sábado, 28, a festa de solidariedade, que devia ter-se efectuado no domingo, 15 do corrente, no grupo dramático «Estrela d'Alva», na rua de Marvila, cujo produto reverte para as despesas a fazer com o processo do militante juvenil José Lopes, preso por delicto social, há já um ano, no Limoeiro.

A comissão convida os camaradas e colectividades a quem foram enviados bilhetes a liquidá-los até ao dia 25.

Castro Simões
RELOJOEIRO
RUA DO CAPELÃO, 40, 2.º D.

Lutemos contra a União dos Interesses Económicos!

Ela pretende impôr ao país inteiro a legalização do roubo e do latrocínio

O que é a União dos Interesses Económicos?

É a união de todos os exploradores que durante a guerra, enquanto o exército morria na Flandres, lhe enviavam «patrioticamente» as conservas podres em que negociavam!

O que é a União dos Interesses Económicos?

É a união dos negociantes e industriais sem escrúpulos que, durante a mesma guerra, enquanto enviavam aos soldados sacrificados as sardinhas ardidas, lhes envenenavam as famílias com o pão-lixo que tivemos de comer e de pagar bem caro.

O que é a União dos Interesses Económicos?

É a união dos mesmos negociantes que, depois da paz, continuaram a envenenar-nos com os produtos caros e adulterados, que tanto contribuíram para o deffinamento da raça.

É a união dos banqueiros sem moral que, além de defraudarem o país, empregam as economias dos depositantes em negócios escabrosos, não se importando, depois da falência, de guardar para si a parte de leão, deixando os outros na miséria.

É a união dos administradores das grandes companhias que se locupletam todos os anos com enormes lucros nada entregando aos pequenos accionistas.

É a união de todos os industriais que, corrompendo os políticos que depois acusam de ladrões e perdulários, vivem de indústrias mal dirigidas e orientadas que vegetam à sombra das pautas alfandegárias.

É a união dos «honrados» comerciantes que viciam as escritas para não pagar os impostos.

É a união dos «grandes» lavradores que mantêm em todo o país léguas e léguas de terrenos incultos.

É a união dos financeiros que têm a sôdo políticos sem escrúpulos.

O que é, afinal, a União dos Interesses Económicos?

Contra esta coligação da imoralidade, do roubo, do latrocínio, todo o proletariado, todas as pessoas de espírito liberal devem lutar com energia, impedindo-lhe os torpes manejos!

DESCANSO SEMANAL

Federação dos Empregados no Comércio (Zona Sul)

Recebemos a seguinte nota:

«A Federação dos Empregados no Comércio (zona sul) de acordo com a direcção da Associação de Classe dos Caixeiros de Lisboa, entregou anteontem ao presidente do ministério e ministros do Interior, Trabalho e Comércio uma extensa representação onde se reclama o rigoroso cumprimento das leis do descanso semanal, horário de trabalho, protecção aos menores e lei seca».

Na mesma representação advoga-se a necessidade de se regulamentar a lei do descanso semanal dominicalmente, de concordância com a tese aprovada no último congresso corporativo.

Todos os ministros, especializando o ministro do Trabalho prometeram cumprir as respectivas referidas e iremoficiá-las entidades oficiais respectivas exigindo o seu cumprimento».

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Ontem este Secretariado efectuou as démarches necessárias a fim de tratar da grave questão dos foros que só será tratado definitivamente no dia 2 ou 3 de Março quando novamente reabrirá o parlamento.

Também o Secretariado deliberou auxiliar com a solidariedade jurídica os operários Vitor e Rafael que se encontram presos na cadeia de Alemquer desde Agosto de 1924.

De novo este Secretariado participa a todos os organismos operários que quando tenham de fazer procurações para os advogados devem remetê-las directamente aos respectivos tribunais, a fim de ficarem apenas aos referidos processos.

Também quando tenham de fazer participações para os Tribunais dos Arbitros e Accidentes do Trabalho devem ser feitas em papel de 25 linhas e em duplicado, não sendo preciso fazê-las em papel selado.

PROPAGANDA SINDICAL

Fortalecendo a organização ferroviária

Em missão de propaganda, chegaram ao Entroncamento, em 16, os delegados do Sindicato, onde foram assistir à reunião que ali se efectuou para eleição dos corpos gerentes daquela Delegação. A sessão foi aberta pelas 20 horas, presidindo Luís Francisco de Jesus, secretariado por Vitor Nunes Correia e Augusto Agostinho. Os delegados da sede expõem as suas razões sobre a acção que é necessário desenvolver para que uma classe alcance o seu lugar entre a organização dos trabalhadores. Foram eleitos os seguintes camaradas: Leopoldo Lopes Sobrinho, secretário administrativo; Augusto Oliveira, secretário adjunto; Mário Jorge, tesoureiro; Manuel Luís Oliveira e António Faria, vogais. O camarada presidente da reunião declara que se tinha afadado das lutas associativas, há mais de dois anos, por diversas razões, mas que ouvindo as declarações dos camaradas enviados da sede, volta a retomar o seu lugar e incita os ferroviários a organizarem-se na melhor forma, para defeza dos seus legítimos interesses. Por último foi apresentada uma moção de combate às «forças-vivas», em que se acentuou a maneira de fazer frente aos despotas e reacçãoários que pretendem dar um golpe certo nas poucas liberdades que possuímos, reduzindo-nos ainda mais a miséria. Todos os camaradas foram muito aplaudidos, terminando a sessão às 22 horas, seguindo os delegados do Sindicato para Gaia, onde foram em idêntica missão.

Nesta delegação, foram eleitos para os corpos gerentes, os camaradas António Felix Teixeira, secretário administrativo; António Almeida, secretário adjunto; Candido Filipe, tesoureiro; Abílio Lopes e Emilio Rocha, vogais. Ali igualmente foram expostos os mesmos pontos de vista, tomando os delegados da sede e compromisso de voltar muito brevemente, para uma nova sessão. Foi repudiada a atitude das «forças-vivas», tendo sido muito aclamada «A Batalha» como sucedeu no Entroncamento e levantados vivas à classe ferroviária e à organização em geral. De Gaia seguiram os delegados para Ovar.

VIDA SINDICAL

C. G. T.

Conselho Confederal

Com a constituição da mesa da sessão anterior, reuniu anteontem o conselho confederal com a representação dos seguintes organismos:

União—Olhão, Faro, Portimão, Seixal, Almada e Lisboa.

Federações—Metalúrgica, Construção Civil, Marítima, Curores e Peles, Mobilíaria, Livro e Jornal, Empregados no Comércio, Tanoaria e Corticeira.

Sindicatos Nacionais—Arsenal do Exército e «Chauffeurs».

Sindicatos Isolados—Mineiros de Aljustrel.

No expediente, uma extensa carta de Gonçalves Vidal a propósito do incidente com a redacção, advogando a mesma carta a revisão do referido documento.

Silva Campos dá nota ao conselho dos motivos da sua convocação, que se cifram no seguinte:

A situação de A Batalha em face do pedido de demissão do seu corpo redaccional expresso na carta já publicada neste jornal, a qual passa a ler:

Na qualidade de director do jornal entendo que o conselho tem sufficiente independencia e idoneidade para decidir sobre o assunto. Como nunca engultei responsabilidades, diz que elas devem-lhe ser assadas quanto à orientação do jornal, abstraindo-se dessa situação a personalidade da redacção. Por isso ali se encontra para as assumir.

O orador passa depois em revista a vida íntima do jornal, explicando os cuidados a que obedece a sua manufatura, cuidados que só um poder grande de intelligencia consegue imprimir, dentro duma moral sã que se imponha à sedicção moral burguesa. As erradas lições que se tiraram da orientação do A Batalha e consignados na tese organização social sindicalista.

Termina pondo em evidencia o desejo de o conselho tratar intelligentemente as causas determinantes da sua reunião.

Manuel Joaquim de Sousa diz convir-lhe dividir as suas considerações: uma respeitante à sua qualidade de militante; outra à sua individualidade como homem.

Falou apenas quanto à primeira, pois considera de somenos importância a sua pessioa. Todavia, referindo-se aos jornais da tarde que aludem à sua pessoa, não pode deixar de reconsiderar a torpeza das insinuações feitas em redor do seu nome.

Voltando a occupar-se da orientação do jornal, o orador, depois de ler a moção de sua autoria, declara não ver nelle os agravos que o corpo redaccional encontrou, pois trata-se duma questão de orientação e não de pessoas. Se, porém, ele ultrapassou estes limites ali está para arcar com as responsabilidades.

Fala largamente das ideias e da concepção do sindicalismo, afirmando que é muito distinta a posição da organização sindicalista em face da acção legal. Diz que a missão dos politicos intelligentes é canalizar o operariado para o acto anti-revolucionário, concedendo-lhe uma série de regalias.

Na qualidade de autor da moção da última reunião do conselho julga-se no dever de a esclarecer. Assim, para provar as suas intenções, resolveu elaborar uma nova moção, a qual apresenta ao conselho, e que em seu entender fará desaparecer os melindres da redacção.

Posta à discussão esta moção—e que A Batalha ontem publicou na sua primeira página—usa em primeiro lugar da palavra Jesus Gabriel, que se manifesta de acordo com ela, sem contudo deixar de reconhecer que se os termos da primeira fossem os mesmos o incidente ter-se-ia evitado.

Alfredo Pinto, exaltando o oportunismo da orientação da gazeta nos últimos tempos, afirma que a ele se deve as concessões das danças operariado. Em seu entender, a inconveniência da publicação do extrato do conselho se pode attribuir o conflito.

Termina aconselhando a que se arripie caminho, canalizando as coisas para o devido terreno.

António Monteiro discorda da inserção do extrato do conselho no jornal. Fala da orientação do operariado perante a carta confederal, e da necessidade dela acompanhar as aspirações da massa trabalhadora.

Afirma que as responsabilidades da orientação do jornal se deve ao próprio conselho por ainda não ter definido qual devia ser.

Termina advogando a conveniência de no corpo redaccional do jornal estarem elementos de todas as tendências.

Silva Campos, M. J. de Sousa e Jesus Gabriel, que voltam a falar, replicam aos seus contraditores, corroborando as suas primitivas afirmações.

Manuel Nunes afirma que se estivesse presente na reunião anterior não votaria a moção de M. J. de Sousa, visto compreender que só ao seu director se deve pedir responsabilidades da orientação do jornal.

Entretanto também não pode concordar com a publicidade da carta dos redactores pelo carácter de particular responsabilidade que encerra.

Confia que a moção apresentada resolva o assunto.

Silva Campos declara que a attitudede dos redactores ainda não assumiu um carácter de franca irreductibilidade. Desde que os desgarrados desapareçam os efeitos também cessam.

Manuel de Figueiredo critica a moção e a carta da redacção. Entende que o sindicalismo é encarado por várias facetas, quando ele, em sua opinião, não precisa de ideias emprestadas. Quanto à orientação do jornal nos últimos tempos julga-a perfeitamente certa e assada em face da presente conjuntura.

Entre M. J. de Sousa, António Pinto dos Santos e Silva Campos trocam-se explicações, sendo em seguida aprovada a moção do primeiro.

M. J. de Sousa reporta-se às insinuações de alguns jornais sobre as suas pretensões, declarando serem absolutamente falsas. Fazendo disto uma questão de dignidade, pergunta ao conselho se já observou da sua parte algum propósito.

Faustino Ferreira entende que se deve responder às insinuações dos jornais quanto ao caso M. J. de Sousa.

Alfredo Lopes diz que contra M. J. de Sousa

é inimisades pessoais que agora veem à supuração.

Manuel Nunes apresenta a moção a que ontem demos publicidade, sobre a solidariedade de A. M. J. de Sousa, a qual o conselho aprovou.

Abstiveram-se de votar a Federação dos Empregados no Comércio e o S. do Arsenal do Exército.

Encerrou-se a sessão à 1,30 da madrugada.

COMUNICAÇÕES

Compositores Tipográficos—Reuniu a direcção que deu despacho a vário expediente, tratou do caso do jornal «A Voz Pública», que ficou solucionado, e foram aprovados novos sócios.

Sindicato U. C. Civil—Secção Profissional de Pedreiros—Reuniu esta secção em assembleia geral, tratando de vários assuntos de interesse para a classe. Resolveu expulsar o sócio José Esteves por traição ao horário de trabalho nas obras do teatro do Ginásio.

CONVOCAÇÕES

REUNEM HOJE:

Fragateiros do Porto de Lisboa—A assembleia geral, pelas 13 horas.

Condutores de Carroças—Pelas 21 horas, a comissão administrativa para apreciar officios do tesoureiro e da U. S. O. A esta reunião deve assistir o secretário adjunto, o delegado da U. S. O. e o tesoureiro.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa—Reúne hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral para assunto urgente.

Núcleo de Lisboa—Reúne hoje, pelas 21 horas, a comissão angariadora de donativos pró 2.º congresso.

Descarregadores de Mar e Terra de Aldegalega

CONFLITO QUE TERMINA

ALDEGALEGA, 18.—De há tempos a esta parte que se estabeleceu um conflito entre os componentes deste sindicato, e que teve a sua origem a quando do movimento das classes marítimas de solidariedade com a direcção do Sindicato dos Fragateiros do Porto de Lisboa, quando os componentes desta foram presos.

É assim explicada a origem deste conflito. Quando desse movimento, houve alguns componentes deste sindicato que o traíram, dando-se até o caso de fazerem o trabalho mais barato. A assembleia geral, em face do momento que passava, resolveu expulsar esses indivíduos, em número de doze. Claro está que esses indivíduos imediatamente constituíram um grupo, que começou a fazer tudo o que lhes apeteia, constituindo por assim dizer um grupo de homens dispostos a atropelar todas as deliberações deste sindicato.

Como tal estado de cousas não podia continuar assim, a direcção deste sindicato imediatamente conferenciou sobre o assunto com a Federação Marítima. Este organismo, por sua vez, enviou aqui um delegado para pôr termo a este conflito. Bem sucedido foi na sua missão, pois conseguiu duma forma geral solucionar este conflito a contento de todos, salvaguardando, claro está, a dignidade da organização marítima.

Assim que o referido delegado camaráda António Fernandes Junior, chegou a Aldegalega, imediatamente convocou uma assembleia geral do Sindicato, convidando também os indivíduos para assim se conseguirem uma solução.

Aberta a sessão, à qual presidiu António F. Junior, e secretário Albino S. Leonardo e Manuel J. Ganso, usa em primeiro lugar da palavra um membro da direcção transacta, para explicar o motivo que levou a direcção do Sindicato a expulsar os ditos indivíduos.

Candido Pinto historiou o conflito. Alfredo Simões, um dos expulsos disse não reconhecer razão das expulsões do Sindicato. Vários camaradas usaram da palavra demonstrando os prejuizos que podem advir para a organização com um tal estado de cousas.

O delegado da Federação Marítima começa por fazer ver à assembleia os perigos para a organização operária e em especial a marítima, com as dissidências entre a família trabalhadora, situação esta que só favorece a reacção burguesa. Dissertando sobre a razão da existência deste conflito, diz que todos os trabalhadores se devem comprometer nos seus deveres sindicais, para se conseguir o almejado fim, que é a verdadeira perfectibilidade humana. Aconselhou os presentes a esquecerem os agravos recebidos cerrando fileiras para dar combate ao inimigo comum.

Em seguida foi aprovada uma proposta para que sejam novamente readmitidos para sócios do sindicato os expulsos, comprometendo-se os mesmos a cumprir a tabela do sindicato e os regulamentos do mesmo. António F. Junior antes de encerrar a sessão diz encontrar-se satisfeito com as resoluções da assembleia, confiando que de futuro cessam as incompatibilidades.

Encerrou-se em seguida a sessão, encontrando-se todos os descarregadores satisfeitos com a solução deste conflito.—C.

SURDAS..

É o sintético e fedorento nome porque são conhecidas umas gratificações anuais que o principal estabelecimento emissor do país—Banco de Portugal—costuma distribuir a uma parte restrita do seu pessoal, as quais saem da verba de lucros do dito estabelecimento. Ora, sendo estes na maior parte reunidos pelo esforço do pessoal, parece que a distribuição deles deveria ser feita na proporção dos ordenados, salvo as excepções que justificassem maior medida. Mas não. O sistema adoptado, permite beneficiar larguissimamente os empregados que vencem ordenados elevados, ao passo que os restantes, entre os quais há gente que leva uma vida de angustiosa dificuldade, tem que se contentar com umas míseras migalhas.

Uma modificação no funcionamento... visceral do referido estabelecimento, é medida que se impõe a favor da moral e dos empregados que o servem.